

Maria Aparecida Moraes SILVA*

ROJAS, N.P. – *El hogar de Ana: un estudio sobre la mujer rural nicaraguense*. La Habana, Ed. de Ciencias Sociales, 1986. 107p.

Niurka Pérez Rojas é cubana, professora de Demografia e investigadora del Equipo de Investigaciones sobre el Desarrollo (DES) na Universidade de Havana, Cuba. Possui vários livros e artigos publicados. De 1981 a 1983 trabalhou como assessora de investigações do Programa da Mulher no Agro Nicaraguense, no Centro de Investigaciones y Estudios sobre la Reforma Agraria (CIERA) do Ministerio de Desarrollo Agropecuario y Reforma Agraria da Nicarágua. *El Hogar de Ana* é fruto deste trabalho da autora.

Trata-se de uma obra reveladora da realidade da mulher camponesa – que a autora considera como semiproletária, pelo fato de conjugar o trabalho na própria parcela e o trabalho assalariado nas propriedades rurais próximas –, no município de San Ramón, Departamento de Matagalpa, na região central da Nicarágua.

A linguagem simples empregada no livro facilita a leitura, sem contudo, comprometer seu conteúdo analítico.

Por intermédio de Ana, o leitor penetra na dura realidade do dia-a-dia da mulher rural da Nicarágua de hoje, marcada pelas dúvidas, temores, misérias, mas também pela esperança. Ana é um produto de tudo isto. Ela é o resultado e ponto de partida. É sobre ela e todas as outras Anas da Nicarágua, nas suas relações com filhos, pais e maridos, que o trabalho de construção de uma nova vida se assenta.

A metodologia sociológica e antropológica utilizada e descrita na Introdução baseia-se no Estudo da Mulher rural na Nicarágua, representando um avanço no sentido de definir a tipologia da mulher camponesa ou semiproletária, num período de transição histórica na Nicarágua.

* Departamento de Sociologia – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação - UNESP – 14.800 – Araraquara – SP.

Ademais, a conjunção de várias técnicas de pesquisa (observação participante, entrevistas em profundidade, história da família, observação do uso do tempo na casa) permite o resgate fiel da trajetória de Ana e a compreensão das relações materiais e espirituais de vida da mulher rural nicaragüense, por esta personagem.

O livro contém a introdução e três capítulos.

Na Introdução, a autora expõe seus objetivos, quais sejam, os de “mostrar, sobretudo, as condições da participação feminina na produção, circulação e reprodução e algumas de suas expressões ideológicas e políticas” (p.1).

No 1º Capítulo, “*El Neocolonialismo Somocista y la Mujer*”, a autora põe em relevo as conseqüências mais diretas da ditadura de Somoza: miséria, fome, desnutrição, doenças, elevado índice de mortalidade infantil (130‰ em 1978), precariedade dos níveis de saúde, péssimas condições educacionais. O índice de analfabetismo era superior, em 1980, a 65%, sendo 93% o índice de mulheres analfabetas. Em alguns municípios da província de Matagalpa, estudada pela autora, este índice chegava aos 100%.

Quanto ao trabalho, eram reservados aos homens o emprego sazonal, o desemprego e o subemprego. Nestas condições, a mulher e os filhos assumiam as tarefas produtivas, definindo a família como unidade de produção e de consumo (p.15).

Às mulheres restavam as tarefas de menor qualificação, baixos salários, com jornadas de trabalho excessivas, ausência de seguro social etc. Neste quadro, o trabalho doméstico (semi-escravo), muitas vezes, era um trampolim para a prostituição das jovens camponesas que emigravam para as cidades.

De extrema dureza, era também o trabalho daquelas que permaneciam no campo, que suportavam o duro fardo do trabalho e da dominação dos pais e esposas.

O 2º Capítulo, “*El Poder Sandinista y la Mujer*”, analisa o início do processo de transformações sociais provocado pela vitória da Revolução Sandinista. A autora acompanha as mudanças relativas à situação da mulher rural através da nova legislação sobre o trabalho e da Reforma Agrária (1981). Sobre tais medidas, afirma: “É óbvio que somente a partir da aplicação de medidas como estas que se criaram, pela primeira vez na Nicarágua, as condições reais para promover a incorporação da mulher nas atividades agropecuárias e no desenvolvimento do país. Todas, ademais, garantem à mulher rural o acesso equitativo à posse da Terra” (p. 26).

Além disso, os programas de saúde e de educação implantados contribuíram para melhorar sensivelmente a situação de vida da população em geral, e da mulher rural em particular. Isto aliou-se à participação feminina na implantação destes programas, facilitada pela criação da Associação das Mulheres na Nicarágua (AMNLAE) atuando em diversos setores, inclusive o rural, e consolidando o trabalho de organização.

O 3º Capítulo, “*El Hogar de Ana*”, é dedicado à análise do tema central do livro. Os capítulos precedentes focalizam os dois momentos nos quais se insere a trajetória de Ana: o passado somozista e o presente revolucionário, com as heranças deste passado.

Por intermédio de Ana, o leitor é capaz de dimensionar o quão “as circunstâncias fazem os homens, como também os homens fazem as circunstâncias”, parafraseando Marx e Engels. Às mudanças das condições materiais de vida - elas próprias se transformam lentamente - não correspondem mudanças imediatas na estrutura ideológica. A quebra desta estrutura faz-se através de um processo lento, cheio de contradições manifestas e latentes, numa dinâmica igualmente contraditória.

Nada do que ocorre no Hogar de Ana é por acaso. É um conjunto de determinações concretas e abstratas que orienta e reproduz o cotidiano desta mulher e das suas relações com o marido e filhos. Aí, entrelaçam-se as ações sociais do espaço produtivo (a família é uma unidade de produção e de consumo), reprodutivo (a família é a unidade de reprodução da força de trabalho e da vida). As 14 horas de trabalho de Ana revelam como ela é capaz de cobrir os poros de sua longa jornada, mesclando o trabalho assalariado com o doméstico, o da indústria doméstica (para a venda de produtos) e a socialização dos filhos. Ela realiza simultaneamente as funções de produtora, reprodutora da força de trabalho, e reprodutora das relações sociais marcadas pelas seqüelas do patriarcalismo e da dominação da ideologia machista, incorporada por ela própria.

Este é o ponto chave do livro. As relações patriarcais acham-se imbricadas em todas as ações sociais produzidas na Casa de Ana. Na alimentação das crianças, verifica-se que os filhos recebem maior quantidade e melhor qualidade de alimentos que as filhas. Este fenômeno, longamente analisado pela italiana Elena Belotti, revela o caráter da ideologia do patriarcado sendo reproduzido no espaço da casa, tendo como agente a própria mulher.

Os traços desta ideologia aparecem em todos os outros momentos: na divisão sexual das tarefas produtivas e reprodutivas, nas atividades lúdicas das crianças, nas relações dos filhos e filhas com o pai e com a mãe, enfim em todas as formas de sociabilidade e de socialização.

A análise da autora revela, através de Ana, a presença destas determinações ideológicas e aponta, ao mesmo tempo, para a sua desideologização.

Trata-se de uma obra importante para o leitor brasileiro, desconhecedor da vivência de um processo revolucionário, onde se articulam o velho e o novo numa luta constante, cuja dinâmica dependerá dos atores e das circunstâncias históricas presentes. É uma luta pela construção de um novo homem e de uma nova mulher, atores da nova sociedade que se pretende construir. A Revolução Sandinista será edificada sobre este projeto que objetiva uma sociedade onde homens e mulheres possam ser igualmente livres e onde *El Hogar de Ana* possa ser reconstruído sobre alicerces novos. É uma tarefa historicamente possível.